

O impacto da revolução russa de 1917 nos países andinos: Peru, Bolívia e Equador¹

Everaldo de Oliveira Andrade

O objetivo desse texto é analisar o impacto da revolução russa de 1917 nos países andinos centrais: Peru, Bolívia e Equador durante as duas primeiras décadas seguintes à revolução. Pretende-se examinar a região tendo-se em conta a situação das economias locais, o desenvolvimento das lutas sociais e políticas desenvolvidas pelo movimento operário e as massas populares, e por fim, a consolidação de organizações políticas da classe operária em cada um desses países.

As tradições de mobilização das massas trabalhadoras e suas organizações

De maneira geral pode-se afirmar que no conjunto dos países andinos centrais a classe operária estava composta por núcleos reduzidos de trabalhadores, mas que já desenvolviam no período anterior a 1917 iniciativas no terreno sindical e político. A pouca tradição operária limitou por um momento um impacto político mais profundo, no entanto, nos círculos da vanguarda sindical e política começou logo após 1917 um novo movimento de aproximação com as posições e teses dos dirigentes da Revolução Russa.

No Peru havia uma tradição anarquista antes de 1913, que permitiu a esses impulsionarem a formação da Federação Regional dos Trabalhadores do Peru agrupando os Petroleiros de Talara, os mineiros de Cerro del Pasco e os estivadores do porto de Callao. Eles reivindicam 8 horas de trabalho diário, reúnem várias organizações assistenciais e desenvolvem um caráter cada vez mais classista às suas ações². De 1915 a 1920 há um crescimento da economia peruana que desencadeia a inflação e queda da renda dos trabalhadores. É um novo período com crescentes greves e explosões de violência das massas populares. Nesse momento o impacto da Revolução Russa fez-se sentir de maneira inequívoca pela primeira vez na História peruana. Em 1919 o Peru estava em plena crise revolucionária e no Parlamento os anarquistas são acusados de “traição à pátria” e de tentar repetir o “terror vermelho” da Rússia. Em 13 de janeiro de 1919 uma grande greve desencadeia-se em Lima e outras cidades importantes do país, obrigando o presidente Pardo a aprovar a jornada de 8 horas de trabalho. Refletindo o sentimento da burguesia limenha, um jornal local em língua inglesa noticiava:

¹Publicado nos anais do seminário Internacional 90 anos da revolução russa (1917-2007), realizado no departamento de História (FFLCH) da USP.

²Julio Cotler, pp. 146-148

“(...) noventa por cento dos elementos que compõem a massa responsável pelos saques e incêndios são jovens irresponsáveis, canalhas e rufiões do mais baixo nível. Eram liderados por criminosos ou pelos mais extremados agitadores socialistas, cujos cérebros tinham sido cozinhados pela saturação de fumos venenosos saídos dos tachos ferventes de Moscou e Petrogrado e que se propagam por toda a parte.”³

Os excessos verborrágicos do texto refletiam de um lado o ódio de classe já previsível contra as iniciativas operárias, mas também a consciência do impacto político da revolução em solo peruano. De fato, a década seguinte exigirá um rearranjo dos dispositivos de dominação de classe da burguesia peruana como veremos, ao lado da crescente organização das massas populares e de seus núcleos operários mais politizados.

No Equador até a década de 1920 a produção estava concentrada na produção de cacau para exportação, baseada ainda em grande medida no trabalho servil dos indígenas das serras. Durante as primeiras décadas do século 20 o Equador torna-se o principal produtor mundial de cacau, o que garante fortunas milionárias a uma oligarquia de grandes fazendeiros que decidira viver em Paris⁴. No entanto, deixou vastas áreas povoadas por legiões miseráveis nas serras equatorianas. O clássico livro *Huasipungo* de Jorge Icaza, publicado em 1934, tornou-se um retrato aterrorizante e revelador desta situação social desesperadora para as massas populares do país. Além da agricultura, uma pequena produção têxtil local prolongava uma tradição colonial de manufaturas. Os setores proletários são reduzidos ao ferroviários de Duran, das empresas elétricas e do porto. São esse núcleos que se levantam no final de 1921 e inícios de 1922 para exigir reajustes salariais frente à crise econômica que se alastrava com a queda dos preços internacionais do cacau. Esses setores somam-se aos sindicatos semi-artesaniais na Confederação Operária de Guayas e em 15 de novembro de 1922 decretam uma greve geral, afogada por um brutal massacre promovido pelo governo⁵.

A burguesia equatoriana dividida entre conservadores e liberais, busca envolver os setores operários e populares na chamada Revolução Juliana de 9 de julho de 1925, na verdade uma conspiração de jovens militares conservadores. No entanto, durante a década o movimento operário conseguirá se recompor e consolidar seus núcleos mais sólidos de mobilização. Em 1925 foi fundado o Partido Socialista e em 1927 seu principal dirigente, o médico Ricardo Paredes, foi a Moscou representando o partido nas festividades do 10º aniversário da revolução russa. Participou do 6º congresso da IC e o

³ Idem, p. 151

⁴ DEAS, Malcolm, pp. 314-316.

⁵ Augustin Cueva, pp. 135-136

PS equatoriano foi admitido como membro fraternal da Internacional. No seu discurso propôs o uso do termo “dependente” ao lado dos conceitos de países coloniais e semi-coloniais para ser usado pela IC em particular na relação com os países latino-americanos. Em 1931 o partido assumiu o nome de Partido Comunista após sua “bolchevização”.

Na Bolívia, desde a decadência da mineração da prata no século XIX e a ascensão do estanho como principal atividade econômica do país, surgiram três grandes empresas mineradoras que praticamente impõe todas as suas decisões ao frágil estado nacional. No campo a grande massa indígena camponesa ainda era submetida às formas servis de trabalho conhecidas como “pongueajem”, que alienava os trabalhadores do mundo urbano e das relações de classe do sistema capitalista. Os setores operários são, portanto, pequenos e ainda pouco consolidados. O primeiro congresso operário da Bolívia ocorre na cidade de Oruro em 1921, convocado pela federação dos ferroviários. Mas é durante o 2º congresso operário que é assinalada de modo mais clara a influência da revolução russa. Isso fica patente na menção ao Manifesto Comunista em sua convocatória e a uma das resoluções finais que declarava a Internacional como o hino oficial dos operários bolivianos. Nesse congresso foi decidido ainda a formação de uma Confederação Nacional do Trabalho, decisão que encontrará grandes obstáculos políticos para prosperar⁶.

A primeira tentativa de organização de um partido operário na Bolívia ocorre em 1914 com a fundação do Partido Socialista. Depois de 1920 aparecem uma infinidade de partidos, na verdade grupos, que se reivindicam do socialismo e são fruto direto da Revolução Russa. Em 1926 a Correspondência Sul-americana, órgão da Internacional Comunista, de 15 de outubro de 1926, publicava um “Chamado de um Operário da Bolívia pela constituição de um Partido Comunista. Por volta de 1928 surgiu um Partido Comunista clandestino na Bolívia apoiado diretamente pelo Buro sul-americano, porque até esse momento os núcleos comunistas estavam agrupados em diferentes pequenos partidos socialistas. Em 1929 a IC os considerou simpatizantes. Esse partido não conseguiu estruturar-se como organização de massas e durante a guerra do Chaco (1932-1935) foi quase destruído pela repressão⁷.

O posto mais avançado nos Andes : a ação de Mariátegui

⁶Guillermo Lora, *História del movimiento obrero boliviano 1923-1933*, pp. 11-23

⁷Idem, op cit, 175-185.

Os trabalhadores peruanos enfrentam durante a década de 1920 os governos do regime Leguía, uma modernização burguesa que, passado um primeiro período de caráter demagógico, frente ao avanço das organizações independentes dos operários, decide-se pela repressão sistemática às suas organizações.

Como um dos jovens e principais ativistas desse período que começava a desafiar o regime peruano, José Carlos Mariátegui é mandado para o exílio na Europa e sente de perto o impacto da Revolução Russa no movimento operário. Como o líder estudantil Haya de la Torre de quem foi amigo e depois adversário político, ele era produto também da conturbada conjuntura política latino-americana do período. A revolução mexicana iniciada em 1910 ainda não terminara e juntamente com o célebre Manifesto de Córdoba de 1918, faziam fermentar toda uma nova geração de ativistas da juventude latino-americana. O exílio de Mariátegui não terá outro significado senão o de fazê-lo temperar-se com o fogo revolucionário da Revolução Russa. Viaja pela Alemanha nos momentos em que a revolução de 1919 se desenvolvia. Assiste na Itália no mesmo ano à fundação do PCI (Partido Comunista Italiano) de Antônio Gramsci. Dirá depois, ao regressar à América, tornara-se “marxista convicto e confesso”. A revolução russa ajudará a consolidar suas convicções. Como assinalou Alberto Flores Galindo, as orientações do 3º congresso da Internacional Comunista, realizado entre os dias 22 de junho e 12 de julho de 1921, terão particular influência na formação do político revolucionário peruano, especialmente a tática da frente única⁸.

Mas como ser marxista no Peru, país de economia atrasada, predominantemente agrícola e com uma enorme massa de camponeses indígenas ainda alijados do mercado? O espírito irrequieto e revolucionário de Mariátegui não se contentará em repetir fórmulas e análises do marxismo, mas buscará utilizá-lo como ferramenta de análise e de ação transformadora. Em sua volta ao Peru, assiste a congressos indígenas e operários, toma contato com lideranças locais, profere conferências nas Universidades Populares Gonzales Prada e começa a escrever e agir intensamente. O contato com a realidade da luta de classes do seu país, como o impacto da rebelião indígena de Tcoyoc em 1921, aproximará cada vez mais Mariátegui dos caminhos próprios da luta revolucionária andina.

Entre suas primeiras conclusões política fruto desses contatos podemos destacar a de que os camponeses poderiam abraçar diretamente o socialismo, isso porque defendem cotidianamente o coletivismo e seriam aliados do movimento operário em sua luta pelo socialismo. O programa socialista deveria incorporar a defesa das terras das

⁸ GALINDO, Alberto Flores, pp. 74-76.

comunidades e a luta camponesa em sua plataforma. Recusará, por outro lado, uma visão linear da História universal, o que o opôs de um lado ao etapismo stalinista e, de outro, ao colaboracionismo de classes de Haya de la Torre. Via o mundo andino como resultado de um desenvolvimento desigual, heterogêneo e combinado. Grande parte de suas idéias multiplicaram-se por sua intensa atividade jornalística, mas sua elaboração mais consolidada foi certamente o livro “Sete ensaios de interpretação da realidade peruana”, um marco da elaboração marxista na América Latina.

A fundação por Mariátegui da revista *Amauta* em setembro de 1926 teve como objetivo tornar-se um espaço de aglutinação política e cultural de vanguarda, estabelecendo uma rede de contatos políticos e colaboradores que no futuro fortalecerão novas perspectivas políticas revolucionárias no Peru. A publicação torna-se uma referência na América Latina e chega a uma tiragem de 5000 exemplares. Nesse período, final da década de 1920, Mariátegui trabalha pela fundação da CGTP (Central Geral de los Trabajadores Peruanos) e do PS (Partido Socialista), a partir de então seus objetivos prioritários desde a ofensiva dos apristas ligados a Haya de la Torre. Quando Haya de la Torre decide lançar o Partido Nacionalista Libertador, isso é visto por Mariátegui como expressão de um claro posicionamento caudilhista, nacionalista e que aquele confirmava com sua declarada intenção de tentar reproduzir a versão peruana do Cuomintang chinês, o partido nacionalista chinês que buscava incorporar de forma subordinada o movimento operário à liderança do movimento nacionalista da pequena burguesia. Foi exatamente essa via que Haya de la Torre e o Apra desenvolveram. Mariátegui vê a estratégia da revolução socialista incorporando as demandas nacionais e democráticas sob a liderança do proletariado. Era sob essa perspectiva que militara no Apra quando ainda era uma frente antiimperialista.

O Partido Socialista fundado sob a liderança de Mariátegui surge em 16 de setembro de 1928 como necessidade e alternativa de independência de classe do proletariado peruano ao aprismo. Seu programa é voltado para a luta de classes: expropriação dos latifúndios com entrega das terras às comunidades, confisco das empresas estrangeiras, não reconhecimento das dívidas do Estado, jornada de 8 horas para os trabalhadores, armamento dos operários e camponeses, instauração dos municípios de operários, camponeses e soldados. O programa articulava de maneira clara a luta antiimperialista com o socialismo. O jornal *Labor* e a fundação em maio de 1929 da CGTP estavam ligados a esse mesmo objetivo: dotar a jovem classe operária peruana de órgãos de expressão independente para agir na luta de classes e abri caminho para a luta socialista. Ao lado do jornal *Labor*, a revista *Amauta* ampliou os contatos políticos com os

setores de vanguarda da classe operária peruana, como os mineiros de cerro del Pasco.

O amadurecimento político dos projetos de Mariátegui dá-se em plena burocratização do movimento comunista. Em meados da década de 1920, paralelamente aos desdobramentos da luta política peruana, aprofundava-se no interior do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), partido que dirigia a 3ª Internacional, uma dura luta política. A maioria da direção liderada por Stalin e Bukharin iniciava uma profunda revisão dos principais postulados teóricos que orientaram a vitória da Revolução Russa de 1917, ao mesmo tempo que burocratizava-se rapidamente a vida no interior do partido. A III Internacional e seus partidos em outros países começaram pouco a pouco a serem atingidos. Nos países de capitalismo atrasado, os PCs eram orientados a construir alianças e se subordinarem aos partidos da burguesia nacionalista como o Kuomintang chinês tão admirado por Haya de la Torre. Na tentativa de reverter este processo de degeneração do movimento revolucionário, surgem setores de Oposição no interior do PCUS, liderados inicialmente por Leon Trotsky, Kamenev e Zinoviev. Estes grupos se unificam em 1927 na Oposição de Esquerda Unificada. Logo em seguida, no 5º Congresso do PCUS, seus membros são expulsos.

Dessa maneira, além de enfrentar a repressão sistemática do governo de Augusto Leguía e do aprismo, Mariátegui e seus camaradas de luta começavam a sentir de perto a presença negativa do stalinismo. Após o 6º congresso a IC decide-se pela “bolchevização” dos partidos comunistas frente à suposta iminência da revolução. Em 1928, entre 15 e 24 de março, os delegados peruanos Armando Bazán e Julio Portocarrero estão em Moscou participando do 4º congresso sindical vermelho (Profintern). Se recusam a assinar um documento de ataque ao dirigente revolucionário espanhol Andrés Nin, que nesse momento ligava-se a Oposição de Esquerda dirigida por Leon Trotsky. Esse posicionamento refletia a independência política dos peruanos em relação ao dirigismo burocrático que a mão de Stálin impõe às organizações da 3ª Internacional e que se refletirá numa série de posicionamentos políticos que os distanciavam das táticas do stalinismo.

O choque mais visível ocorreu alguns meses depois dos eventos de Moscou. Durante a 1ª Conferência Comunista Latino-americana, realizada em Buenos Aires entre os dias 1 e 12 de junho de 1929, as posições de Mariátegui confrontaram-se diretamente com a burocracia stalinista que nesse congresso aplicava a chamada “política do 3º período”, segundo o qual, após o 1º período de revoluções e o 2º de recuos estratégicos, entrava-se numa fase de revolução na ordem do dia. Na verdade, a IC ingressou numa fase em que o sectarismo marcaria sua atuação, afastando-a de setores

do movimento operário e progressistas simpatizantes das lutas socialistas e negando completamente a política de frente única⁹. Durante a Conferência os três países andinos (Peru, Bolívia e Equador) estavam representados: os bolivianos estavam presentes com 2 delegados, os peruanos do recém fundado PS de Mariátegui também por 2 delegados e os equatorianos por 3 representantes.

As discussões mais longas foram desenvolvidas a partir das teses dos delegados peruanos e que haviam sido escritas com a estreita colaboração de José Carlos Mariátegui, como a questão do partido, a tática da luta antiimperialista e a questão das raças ou indigenismo. Esse informe defendia a posição de que a comunidade indígena preservava as tradições de resistência e formas coletivistas não destruídas pelo estado inca, nem pela colonização espanhola. A situação de explorados aproximava os índios camponeses dos operários, mas ia além na medida em que o coletivismo das comunidades indígenas tornava o campesinato indígena aliado dos operários na luta pela socialização da produção. A nação peruana era caracterizada na verdade como um projeto de nação que só se realizaria plenamente pela via socialista¹⁰.

Os stalinistas combateram as teses de Mariátegui, principalmente o dirigente argentino Victorio Codovilla, com o argumento de que existiriam “nacionalidades oprimidas” como quéchuas e aymarás no Peru, sendo esse uma sociedade multinacional. Atacam os peruanos ainda como “populistas” por defenderem um lugar revolucionário aos camponeses. Para Mariátegui a existência de uma minoria oprimida não significava ou caracterizava um problema nacional. As reivindicações nacionais e democráticas deveriam nesse sentido integrar o programa socialista.

A questão do partido também foi objeto de polêmica pois para os peruanos liderados por Mariátegui tratava-se de realizar um processo de transição na própria construção do partido operário no Peru. Um núcleo de comunistas deveria ajudar uma

⁹ VILLARAN, Jorge, pp. 120-133.

¹⁰ A questão indigenista reveste-se hoje de enorme atualidade. Historicamente ao longo do século 20 as comunidades ao mesmo tempo que mantiveram autonomia, souberam muitas vezes se integrar ao Estado. A formação dos estados nacionais deu-lhes muitas vezes um lugar de inclusão subordinada na medida em que a cidadania nacional negava as particularidades das comunidades. Contraditoriamente no entanto, os índios acabavam participando das lutas de afirmação dos estados nacionais, como os índios peruanos que de fato defendem a nação na guerra do pacífico contra o Chile, ou os bolivianos que participam da revolução liberal de 1899. Na década de 1930 e seguintes, surgem políticas de integração dos índios dentro de um quadro de crise política e econômica. Novos estudos passam a ver os índios, suas culturas e sociedades, como processos históricos. Destacam-se autores como John Murra e Nathan Wachtel, que buscaram ver as singularidades das sociedades indígenas com enfoques culturalistas e marxistas. Aqui se destacariam duas tensões nos estudos: isolamento/especificidade e interação/hibridismo. Os estudos da década de 1980 passaram a ver muito mais a interação das comunidades com o colonialismo espanhol e o estado republicano e não a destruição ou desculturação. Dessa forma abriram-se novos enfoques para se ver a resistência indígena na perspectiva de 3 ciclos de resistência: o pós-conquista, as rebeliões do final do século 18 e aquelas do século 19 e começo do 20. A resistência continuou em novos contextos, mudando de acordo com as circunstâncias. Ver: Michiel Baud, *Ideologías de raza y nación em América Latina, siglos XIX y XX*, pp. 175-193, in: *Teoría y metodología em la Historia de América Latina*, Paris: Unesco/Trotta, 2006.

parcela da vanguarda a avançar e amadurecer sob o risco de perdê-la para o aprismo. Era necessário continuar agrupando mais amplamente no momento em que o Apra ainda estava em constituição.

No Peru, após a morte prematura de Mariátegui aos 35 anos em 1930, seu legado será combatido pela direção stalinista com uma política sectária que ajudará o Apra a crescer nos setores populares e tornar-se o principal obstáculo ao fortalecimento de um movimento operário independente e revolucionário. O PS será “bolchevizado” e a capacidade de elaboração crítica e ação política independente para o proletariado que Mariátegui começava a plantar serão combatidos pelos agentes stalinistas locais.

Na Bolívia o POR surge como principal resultado da revolução de Outubro

O descontentamento econômico e social que se desenvolvia na Bolívia, com o grau cada vez mais avançado de concentração e controle da mineração e do Estado nas mãos de uma pequena elite, foi sem dúvida, um acelerador no desenvolvimento dos grupos socialistas e reformistas locais. Os primeiros partidos e grupos socialistas não surgiram diretamente influenciados pelo movimento sindical. Provinham em geral da iniciativa de intelectuais e universitários que tomavam contato com as teorias e polêmicas políticas internacionais do socialismo. Suas idéias deslocavam-se desde um socialismo difuso e nacionalista, passando pelo anarquismo, pela social-democracia até chegar a influências diretas da III Internacional. Todas essas idéias e polêmicas muitas vezes combinavam-se num mesmo partido. Estes anos foram assim delimitando as grandes linhas do movimento num ininterrupto processo de dispersão e fusão de agrupamentos políticos, que terminaram por selecionar militantes e delimitar as grandes idéias, que tomariam corpo mais consistente na década de 1930. Esse movimento pode ser dividido em dois setores principais, os socialistas-revolucionários e os nacionalistas reformistas. O primeiro grupo definiu-se pelo marxismo e tornou-se com o passar do tempo uma força mais coesa e organizada, ao contrário dos nacionalistas, mais heterogêneos ideologicamente e dispersos.¹¹

O Partido Socialista Revolucionário da Bolívia, influenciado pela III Internacional, trabalhou na clandestinidade desde 1929, atacou as posturas colaboracionistas que estavam sendo desenvolvidas pelos grupos socialistas e foi um dos principais precursores do Partido Obrero Revolucionário (POR). Outro pequeno partido que teve influência na

¹¹ James MALLOY, pp. 90-95

fundação posterior do POR foi o Partido Comunista clandestino, que surge, a partir de 1928, da iniciativa de militantes influenciados pela Internacional Comunista e que vinham atuando no interior de grupos socialistas. A extrema debilidade organizativa e política desse grupo acabou preservando-o das polêmicas e cisões que se desenvolviam no interior da III Internacional e da violência burocrática que se seguiu sobre os militantes independentes nos Partidos Comunistas (PCs). Um dos seus primeiros militantes, o líder estudantil José Aguirre Gainsborg, seria em 1935 o principal fundador do POR. Outro grupo que teria importância na fundação do POR, o Tupac Amaru, organizado em 1927 por intelectuais de esquerda exilados, teve posteriormente atuação destacada contra a Guerra do Chaco¹².

O desenvolvimento no interior da Bolívia dos personagens, classes sociais e grupos políticos que permitiriam o surgimento do POR, não foi um acontecimento deslocado do movimento operário internacional. A crise de 1929 e a Guerra do Chaco (1932-1935) provocaram o exílio e o desterro da maioria dos militantes revolucionários marxistas do país, tirou-os de um certo isolamento nacional, aproximando-os da realidade mundial. Ao mesmo tempo, permitiu que muitos se colocassem a par e participassem ativamente das grandes polêmicas e lutas políticas que se desenrolavam principalmente no interior da III Internacional Comunista. Essa influência internacional foi decisiva e estará sempre presente na vida futura do POR.

A expulsão de Trotski da URSS em 1929 provocou um redimensionamento dos objetivos e atividades da Oposição de Esquerda, até então restrita em grande parte ao solo soviético. Tratava-se agora de desenvolver uma atividade de dimensão mundial no interior de todos os PCs para reorientar as atividades e a tática política da III Internacional. Seções nacionais da Oposição de Esquerda surgem em vários países. Em abril de 1930 foi realizada uma Conferência Preparatória da Oposição de Esquerda Internacional, impulsionando o surgimento de seções em vários países como no interior do PC chileno. É no interior deste partido que o exilado boliviano Aguirre Gainsborg tomará contato com as propostas da Oposição de Esquerda.

A depressão econômica e a crise dos anos 1930 de certa forma aceleraram e dificultaram a luta política dos militantes da Oposição. O desemprego, a fome, o surgimento de grupos fascistas colocaram em grandes dificuldades todos os PCs. É nesta situação que em fevereiro de 1933 reuniu-se a Conferência da Oposição Internacional. Esta reunião fez a Oposição se redefinir em relação aos seus objetivos iniciais quanto às possibilidades de reorientação política da III Internacional. Como consequência dessa

¹² Herbert KLEIN, pp. 145-148

nova avaliação, as 14 organizações presentes aprovaram a chamada “Declaração dos Quatro” que apelava para a luta pela construção de uma nova Internacional.

Aguirre Gainsborg acompanhava de perto essas discussões. Depois da decretação do estado de sítio em 1932 pelo governo de Daniel Salamanca, muitos dos comunistas que não haviam sido presos ou fuzilados, foram exilados. O grupo de exilados bolivianos que desembarcou em 1932 no interior do PC chileno, encontrou-o em plena luta fracional. Ao contrário do PC boliviano, que era um pequeno grupo clandestino e com pouco contato com o exterior, o PC no Chile era então a principal organização da III Internacional na América Latina, com importante influência política. No seu interior a Oposição de Esquerda conquistara a adesão da maioria do partido, adotando o nome de *Izquierda Comunista* já em 1931¹³. Esse ambiente tornou-se uma verdadeira escola revolucionária para os bolivianos carentes de informação política. Jose Aguirre Gainsborg, líder do pequeno grupo de exilados, logo tornou-se membro do Comitê Central do PC, ao mesmo tempo que se aproxima das posições da Oposição. Desenvolveu um febril trabalho de propagação dessas propostas no interior do PC. Ao mesmo tempo, junto com estudantes e exilados bolivianos marxistas, fundou a Associação Comunista Boliviana, desde o início aderente da Oposição Internacional. Em julho de 1933 a Conferência Nacional do PC chileno expulsou Aguirre e seu grupo. Pouco depois este grupo transformou-se na “Izquierda Boliviana”, passando a orientar suas atividades no sentido de constituir um partido operário na Bolívia identificado com a Oposição Internacional¹⁴. Esta decisão já estava ligada as resoluções da última conferência da Oposição Internacional realizada em fevereiro de 1933.

Tentando concretizar esses objetivos a Izquierda Boliviana mantém constante contato com outros grupos de exilados bolivianos e uma série de discussões se desenvolvem, culminando num pacto de ação comum em dezembro de 1934 com o grupo Tupac Amaru, um dos grupos mais atuantes nessa época, e que desenvolvia uma ação de grande envergadura contra a guerra do Chaco. Este grupo, dirigido por Tristan Marof, um publicista e escritor de talento e carisma, era mais heterogêneo e apesar de criticar o estalinismo, não defendia uma filiação direta às teses da Oposição Internacional. Marof chamara em um de seus manifestos contra a guerra, a constituição de uma frente de todos os grupos dispostos a lutar por uma república operária socialista, com o objetivo de se formar um partido unido. De certa forma, esta proposta vinha de encontro aos objetivos levantados pelos exilados do Chile e foi a base comum que permitiu a

¹³ Guillermo LORA, *Contribución a la historia política de Bolivia*, pp. 56-57

¹⁴ *idem*, pp. 64-78

constituição do pacto¹⁵.

O Congresso que finalmente daria origem ao POR se realizou em junho de 1935 na cidade de Córdoba, na Argentina. As principais teses políticas do congresso foram redigidas por Aguirre Gainsborg. Apesar da decidida posição dos exilados chilenos de ligar, desde seu início, o POR ao movimento internacional que construía uma IV Internacional, não havia consenso sobre esta proposta. O grupo Tupac Amaru era numericamente superior e com maior influência no interior do país que o grupo de Aguirre. As esperanças de Aguirre e seu grupo eram de que o trabalho e as discussões políticas comuns no seio de um mesmo partido permitissem convencer, no futuro, o restante da organização que se fundava, a aderir à Oposição Internacional. Logo em seguida à realização do congresso de fundação, os grupos “Exilados” e “Kollasuyo” aderiram ao partido. Uma das características do partido nos seus primeiros anos seria a constante dificuldade de superar seu traço de federação de grupos distintos e concluir com um programa coerente e uma organização coesa¹⁶.

O programa aprovado nesta conferência incluía dez pontos: 1. Paz imediata, 2. Democratização do exército, 3. Direito de sufrágio e elegibilidade dos reservistas em campanha, dos prisioneiros e das mulheres, 4. Anistia geral, 5. Liberdade de imprensa, palavra, reunião, associação e greve, 6. Proteção e trabalho para todos os desmobilizados, resgate e imediato auxílio aos prisioneiros, 7. Convocatória de uma Assembléia Constituinte, com a representação dos soldados, operários, índios e universitários, 8. Nacionalização do petróleo, minas e distribuição de terras, 9. Proteção da pequena propriedade, 10. Inviolabilidade das terras da comunidade indígena. Restituição de suas terras. Abolição dos impostos. As discussões programáticas e a concepção organizacional do partido não ficaram claras nesse primeiro momento, resultavam de uma fusão apressada que certamente cobraria seu preço mais tarde. Para Marof, por exemplo, tratava-se de construir um partido amplo de esquerda em grande parte apoiado da sua liderança pessoal. Para Aguirre o partido deveria ter um programa político claro e revolucionário baseado nos princípios da Oposição Internacional e baseado numa organização nos moldes bolcheviques¹⁷.

A principal ação política do POR logo nos seus primeiros meses de atuação foi acentuar a campanha contra a guerra do Chaco. Apesar de ser ainda um pequeno grupo

¹⁵ Segundo Libório Justo, *Bolívia, la revolución derrotada*, pp. 119-121, o congresso de fundação do POR aconteceu em dezembro de 1934 e teria adotado como programa a plataforma da Oposição de Esquerda Internacional. Guillermo LORA, no entanto, esclarece que em 1934 estabeleceu-se um pacto comum entre o grupo Tupac Amaru e os exilados no Chile com vistas a preparar o congresso de fundação de um partido comum.

¹⁶ Herbert KLEIN, op cit, pp. 218-222.

¹⁷ Guillermo LORA, *Figuras del trotskismo boliviano*, pp. 28-32.

de intelectuais exilados, sua propaganda pacifista e revolucionária contra a guerra, chegou às linhas de frente e teve importante influência nos crescentes amotinamentos e deserções das tropas bolivianas¹⁸.

O surgimento do POR de certa forma amalgamou grande parte da experiência dos grupos e militantes bolivianos revolucionários da década de 1920 com as grandes linhas políticas e teóricas defendidas pela Oposição de Esquerda Internacional no interior da 3ª Internacional Comunista. A fundação do POR também representava uma primeira síntese do movimento das esquerdas bolivianas, sendo o primeiro partido político que surge diretamente influenciado pela crise política que surge com a Guerra do Chaco e principalmente pela Revolução Russa de 1917. Podemos dizer que expressava o início de um fenômeno social mais amplo: o amadurecimento político e organizativo crescente da classe operária boliviana passaria a contrastar com a deterioração ininterrupta nas décadas seguintes, das instituições políticas e das bases econômicas de sustentação da burguesia boliviana.

O impacto mais direto da Revolução Russa de 1917 fez-se sentir em duas grandes ondas. Num primeiro momento a influência agiu de maneira mais difusa na multiplicação muitas vezes espontânea de mobilizações e greves como no Equador e no Peru logo nos primeiros anos após 1917. Porém nos setores de vanguarda do movimento operário e nos setores antiimperialistas da pequena burguesia, a Revolução Russa ajudou a acelerar a formação de vanguardas revolucionárias e marxistas. Mas passados dez anos da revolução o quadro político da região estava completamente mudado. Agora agiam e se combinavam dois fenômenos políticos na consolidação das vanguardas políticas saídas do Outubro russo. De um lado, a crise econômica latente que ameaçava os regimes locais dera origem a movimentos reformistas e nacionalistas liderados por setores burgueses ou pequeno burgueses como por exemplo, a revolução juliana no Equador, o populismo inicial de Leguía e o movimento aprista de Haya de la Torre no Peru. O segundo fenômeno político que incidia era a ação do aparelho burocrático stalinista que buscava enquadrar e direcionar para seus objetivos específicos as vanguardas surgidas na região. Os peruanos e equatorianos, que haviam avançado mais na organização partidária comunista, tornaram-se alvos mais visíveis. A conjuntura boliviana diferiu em grande medida pelo fato de que os militantes comunistas, além de poucos, terem que enfrentar os dissabores da Guerra do Chaco e da repressão sistemática. Essa situação favoreceu a consolidação posterior de um forte núcleo de militantes da Oposição Comunista e que

¹⁸ Herbert KLEIN, *op cit*, p. 220

depois darão origem ao sólido núcleo de militantes trotskistas do POR.

O mundo andino com suas serras e abismos quase impenetráveis, seus indígenas de tradições ancestrais e revolucionárias, estavam inseridos pela pena de Mariátegui definitivamente na teoria revolucionária marxista. Anos depois muitos indígenas agora como operários das minas de estanho bolivianas se incorporarão às células trotskistas. Eles formarão sindicatos e milícias armadas e mantendo viva a memória revolucionária da revolução de outubro de 1917, serão os principais protagonistas da primeira revolução operária dos Andes, a revolução boliviana de 1952.

Bibliografia:

ANDRADE, Everaldo de Oliveira. *A revolução boliviana*, São Paulo: ed. Unesp, 2007.

BAUD, Michiel, Ideologías de raza y nación em América Latina, siglos XIX y XX, pp. 175-193, in: *Teoría y metodología em la Historia de América Latina*, Paris: Unesco/Trotta, 2006.

COTLER, Julio, *Peru: classes, estado e nação*, Brasília: Funag, 2006.

CUEVA, Augustin, Equador: 1925-1975, in: CASANOVA, Pablo Gonzáles (org.), *América Latina: História de meio século*, vol. 2, Brasília: Editora UnB, 1988

DEAS, Malcolm, Venezuela, Colômbia e Equador, 1880-1930, in BETHELL, Leslie (org.), *História da América Latina*, vol. 5, São Paulo: Edusp-Funag, 2002

ESCORSIM, Leila. *Mariátegui, vida e obra*, São Paulo: Expressão Popular, 2006.

GALINDO, Alberto Flores, *La agonía de Mariátegui – la polémica com la Komintern*, Lima: Desco, 1980

KLEIN, Herbert, *Orígenes de la revolución nacional boliviana*, La Paz: Juventud, 1968.

LORA, Guillermo, *História del movimiento obrero boliviano 1923-1933*, La Paz, Los amigos del libro.

_____ *Figuras del trotskismo boliviano*, La Paz: Masas, 1983.

MALLOY, James, *Bolivia: la revolución inconclusa*, La paz, Ceres, 1989.

QUIJANO, Aníbal. José Carlos Mariátegui: teoria e política, in: Amayo, Enrique e Segatto, José Antonio (orgs.), *J. C. Mariátegui e o marxismo na América Latina*, Araraquara: Cultura acadêmica editora, 2002.

VILLARAN, Jorge, *Mariátegui, el Apra y la III Internacional*, Lima: Graphos 100 editores, 1987

